

| conto

EMBRIAGUEZ

Por André Ricardo Aguiar

Um tal João bebe e é no vício que ele se identifica. O problema é que por beber demais, apaga, se gasta como uma pilha – e quando se recupera, o mundo que sai da bruma alcoólica é outro. Uma vez se materializou num quarto estranho com pequenos objetos pingados, saídos de um bordel barato.

Não quis continuar e apagou de novo, só acordando à beira-córrego. Sabia apenas que eral mal casado, fodido e mal pago. Tinha uma mulher horrorosa que entoava salmos. E sempre na lavanderia com companhia de um canário. Então, saia para um bar, qualquer bar de um bairro sorteado. Bebia e fazia amizades com gente estranha que lhe pagavam umas doses. E João apagava, caía em transe. Mais uma vez. E acordava – ou ressuscitava, porque a morte recusava uma embriaguez total. O sacudia de volta para os mais estranhos lugares: debaixo do viaduto, entre folhinhas de calendário; entre as pernas de Zulmira, puta e adormecida com um cigarrinho aceso na mão; no elevador do edifício Vodka; numa madrugada sem vento, perto do posto policial, ao lado de uma encosta, com palmeiras ásperas e uns vigias noturnos queimando maconha. E a cada carraspana, João, entre perdido e curioso, bebia mais e mais (como a pensar até onde, por mais estranho, a bebida o levaria). Das últimas, sentindo pontadas de úlcera, despertou num estado de levitação entre o segundo e o terceiro andar de uma repartição. A volta para casa era penosa, desumana e ridícula, anunciando uma tragédia nunca alcançada. João prometeu, depois de uma briga devastadora com sua mulher, tomar o maior dos porres na companhia de marginais. Foi para o bar mais sórdido e tomou todas as misturas, embriagou-se em cores, cantou fados nunca dantes portugueses, até sentir, em suas veias, mais graduação do que glóbulos vermelhos. Quando pareceu vislumbrar uma claridade, uma cegueira branca, teve dúvidas se atravessara algum pórtico para o coma ou entrava para outra dimensão: acordou com frio, pesado, peludo e vago. Seus ossos rangeram em todas as dores, sua alma embrulhava-se. Só descobriu, a muito custo, ter ido longe demais quando, ao se arrastar naquela

imensidão branca, sentiu textura de neve em seus recém-adquiridos pelos. Caminhou lentamente rumo à geleira em sua forma de urso. Seu estômago ardia um incêndio. Urrando de dor e extinção, refugiou-se numa fissura, numa fenda apertada e cortante, enquanto os efeitos duradouros da bebida, aos poucos, e com tosca eficiência, derretia o falso cenário enregelado de um beco pintado de branco, com um sol de néon quase se apagando nos interstícios das lixeiras.

ANDRÉ RICARDO AGUIAR (Paraíba) - Poeta e Contista. Publicou *A flor em construção* (1992); *Alvenaria* (Prêmio Novos Autores Paraibanos, 1997); *O rato que roeu o rei* (2007) e *Pequenas renações* (2007). Colaborador assíduo do *Correio das Artes*, tem trabalhos publicados na revista *Poesia Sempre* e em antologias e jornais locais. Edita os blogues *Fábula Portátil* (<http://fabulaportatil.blogspot.com/>) e *Engrenagem* (<http://andricardoaguiar.blog.uol.com.br/>).